



SOBRE O CHAMADO 'MODELO DAS QUATRO CAUSAS' NA *METAFÍSICA* DE ARISTÓTELES

Rodolfo Lopes

Cátedra UNESCO Archaï
Programa de Pós-Graduação em Metafísica (PPGμ/UnB)
Departamento de Filosofia, Universidade de Brasília

RESUMO: O presente texto tem por simples objectivo o comentário sistemático ao capítulo 2 do Livro V da *Metafísica* de Aristóteles (1013a24-1014a25), onde o autor apresenta (o mais próximo de) uma sistematização sobre o chamado *modelo das quatro causas*. Teremos também no horizonte de análise o famoso capítulo 3 do Livro I do mesmo tratado, onde Aristóteles inicia a crítica à tradição precedente justamente à luz deste modelo de causalidade. O objectivo (tendencialmente filológico e talvez até demasiado 'escolástico') é apenas comentar e esclarecer o texto original, cujas hesitantes formulações podem levantar alguns obstáculos de interpretação.

PALAVRAS-CHAVE: Aristóteles. *Metafísica*. Quatro causas.

ABSTRACT: This paper intends to comment *Metaphysics* V.2 (1013a24-1014a25), where one can find a systematic approach to the quadripartite model of causes. We will also consider the famous third chapter of Book I, in which Aristotle begins his critical dialogue with the 'first philosophers', having in mind that causal model. We aim to provide a philological (and, perhaps, excessively scholastic) commentary on the original text.

KEYWORDS: Aristotle. *Metaphysics*. Four causes.

§ 0. O presente texto tem como objetivo o comentário sistemático ao capítulo 2 do Livro V da *Metafísica* de Aristóteles (1013a24-1014a25), onde o autor apresenta (o mais próximo de) uma sistematização sobre o chamado *modelo das quatro causas*. Deixando de lado a questão da possível natureza metafilosófica do Livro V (isto é, se pode ou não ser lido como uma espécie de 'dicionário' de conceitos aristotélicos), parece-nos lícito considerar esta passagem o *locus classicus* do problema pelo simples facto de ser a única, em toda a *Metafísica*, que lhe é exclusiva e intencionalmente dedicada.

Teremos também no horizonte de análise o famoso capítulo 3 do Livro I do mesmo tratado, onde Aristóteles inicia a crítica à tradição precedente justamente à luz deste modelo de causalidade. O nosso foco não estará, todavia, no confronto com 'os que primeiro filosofaram', mas apenas nos pressupostos que lhe subjazem; ou seja, o breve resumo sobre *os quatro modos de dizer a causa* (I.3, 983a26-27: τὰ δ' αἴτια λέγεται τετραχῶς) com que essa crítica se inicia (I.3, 983a24-33). Esta passagem (além da sua relevância documental para o problema) agrega à discussão um elemento assaz curioso, na medida em que, no final do resumo, Aristóteles remete o leitor para a *Física*, onde o assunto foi “adequadamente estudado” (983a33: τεθεώρηται μὲν οὖν ἰκανῶς). A curiosidade não tem tanto que ver com o facto de uma discussão metafísica ser estudada 'mais adequadamente' num tratado físico, mas sim com o círculo intertextual que tal remissão provoca. É que uma das duas passagens da *Física* a que Aristóteles se refere (II.3, 194b23-195b21) coincide praticamente *ipsis uerbis* com *Metafísica* V.2. O insólito foi até notado pelo comentador Asclépio de Trales, que acusa os organizadores do texto de terem perdido ou destruído (acidentalmente) esta secção; tendo, por isso, preenchido a lacuna com dados copiados de apontamentos do próprio Aristóteles. Apesar do carácter anedótico do testemunho, a crítica moderna tende a concordar com o essencial: foi o próprio Aristóteles quem introduziu o texto em ambos os tratados (Ross, 1924, I 292; Reale, 2004, p. 884).

A outra corresponde ao capítulo 7 desse mesmo livro da *Física* (198a14-198b9). Se, por um lado, se articula perfeitamente com as passagens aqui em discussão; por outro, alarga a discussão da causalidade além (ou aquém) dos quatro modos de causa. Nas palavras de Reale (2004, p.XLVII), “in *Física*, II 7, poi, vengono approfondite alcune questioni, che, però, si possono trovare anche nella *Metafísica*”. Tais questões têm que ver com a difícil articulação do chamado modelo das quatro causas com a

hipótese do Motor Imóvel como 'causa primeira'. É, claro, um problema que mereceria discussão mais aprofundada e, por isso, ultrapassa em muito os limites destas páginas.

O modelo de causalidade quadrúplice é um elemento nuclear do projeto metafísico de Aristóteles, na medida em que corresponde à primeira das quatro definições que tradicionalmente lhe são atribuídas: *sabedoria*¹ é a ciência das causas e dos princípios primeiros. Pelo menos num momento inicial (admitindo que o Livro I da *Metafísica* seja, em algum sentido, introdutório), Aristóteles parece implicar que essas causas correspondem aos quatro modos descritos nas passagens de que nos ocupamos (v. infra § 1).

Não me proponho a assumir uma posição sobre tão antiga e complexa discussão², cuja análise exigiria abrir pelo menos (outras) duas frentes de pesquisa: uma, *via* teoria da predicação, sobre o Livro II dos *Segundos Analíticos*, onde a causalidade é pensada como uma estrutura triádica, de acordo com a qual (1) uma causa faz com que (2) uma determinada propriedade esteja (3) num determinado subjacente (vide Angioni, 2011, p.3-4; 2004); e outra, *via* metafísica enquanto *teologia*, sobre o Motor Imóvel como *causa primeira*, especialmente nos últimos três livros da *Metafísica* (vide Bodnár & Pellegrin, 2009, esp. p. 289-sqq.; Gill, 2009, esp. p. 367-sqq.). Tais abordagens exigiriam um outro nível de problematização, a que este texto seguramente não se propõe chegar. O objectivo (tendencialmente filológico e talvez até demasiado 'escolástico') é apenas comentar e esclarecer o texto original, cujas hesitantes formulações podem levantar alguns obstáculos de interpretação. Refiro, a este respeito, a recente crítica de Angioni (2011) a algumas leituras que consideram equivocada a proposta de Aristóteles por esta, supostamente, implicar um conflito entre explicações diacrónicas (causas eficiente e final) e sincrónicas (causas formal e material); e outras ainda que reconhecem uma certa autonomia em cada causa, como se estivessem implicados quatro modos de causalidade independentes para o mesmo objeto.

Para este tipo de equívocos tem contribuído, pelo menos em certa medida, uma tão tentadora quando indevida aproximação ao texto aristotélico através de uma

¹ A palavra usada por Aristóteles é *σοφία*, ainda que tradicionalmente se considere equivalente ao conceito geral de *metafísica*. Para uma análise mais detalhada da questão terminológica, sugiro as primeiras páginas da apresentação deste dossiê.

² Entre a vasta bibliografia destaco Reale (2004, p. XXV-LIV) para uma visão sinóptica do problema na *Metafísica*; Frede (1980, p. 217-231) sobre as origens do conceito de *causa*; e, a propósito de alguns equívocos resultantes da formulação *as quatro causas*, o clássico estudo de Sprague (1968) e o mais recente de Angioni (2011).

estranquidade terminológica que lhe é estranha³. Por exemplo, a formulação convencional de que Aristóteles postulou quatro causas sugere que no texto original ocorram expressões do tipo 'as quatro causas', a 'causa formal' etc; quando, na verdade, estas designações traduzem (erroneamente) construções do tipo 'as causas dizem-se de quatro modos' (τὰ αἴτια λέγεται τετραχῶς) e 'substância e aquilo que é' (τὴν οὐσία καὶ τὸ τί ἦν εἶναι), respetivamente⁴.

Igualmente significativo é o insuspeito e ainda inexplicado uso de τὸ αἴτιον (forma neutra substantivada do adjetivo αἴτιος) e do substantivo αἴτια para, indiscriminadamente, designar os modos de causa em todos os momentos em que esse modelo quadrúplice é convocado para a discussão (seja ela física ou metafísica). Mas, como vimos, o problema não se esgota na indecisão entre um substantivo e um adjetivo substantivado. Convém sublinhar o elemento adverbial na formulação 'as causas dizem-se **de quatro modos**' (τὰ αἴτια λέγεται **τετραχῶς**), que, ao contrário do nominal (τὸ αἴτιον/αἴτια), sugere um desdobramento quadrúplice modal do conceito de *causa* em vez de *quatro* causas. Embora ambas as possibilidades concorram, pelas razões (filológicas) que exporemos em seguida nos parece mais apropriado pensar em *modos de causa* em vez de *causas*.

§ 1. Começemos, então, pelo Livro I, onde se concebe a metafísica como conhecimento de princípios e causas. Convém primeiro lembrar que essa formulação tinha sido logo ensaiada no capítulo 1 com alguma indefinição, onde a *sabedoria* (a que, como vimos, podemos equivaler o conceito de *metafísica*) consiste no conhecimento de **certos** princípios e causas (982a2: ἡ σοφία περὶ **τινας** ἀρχὰς καὶ αἰτίαις ἐστὶν ἐπιστήμη). A questão será retomada nos capítulos 2 e 3, que esclarecem a que princípios e causas esse conhecimento se dirige: “primeiros [princípios] e causas” (I 2, 982b2: τὰ πρῶτα καὶ τὰ αἴτια) e “causas primeiras” (I 3, 983a24: τῶν ἐξ ἀρχῆς αἰτίων). É no seguimento desta última especificação que surge a primeira formulação de um modelo quadrúplice: “as causas dizem-se de quatro modos” (I.3, 983a26-27: τὰ δ’ αἴτια λέγεται τετραχῶς). Esses *modos* são formulados pelas seguintes expressões: “a substância⁵ e aquilo que é”

³ O mesmo problema se coloca a Platão, que também abordou a questão da causalidade com um aparato terminológico ainda não perfeitamente consolidado. Sobre este assunto, vide Sedley (1998).

⁴ Sobre os problemas (sobretudo os anacronismos) resultantes deste tipo de tradução simplificada, vide Charlton (1992, p.98-99).

⁵ Não se trata evidentemente do sentido de ‘substrato material’ (ὑποκείμενον, como em e.g. VII 3, 1028b33-36) mas sim de ‘substrato formal’; daí que Tricot (1940: ad loc.) traduza por “substance

(I 3, 983a27-28: τὴν οὐσίαν καὶ τὸ τί ἦν εἶναι), isto é, a chamada causa formal⁶; “a matéria e o substrato” (I 3, 983a29-30: τὴν ὕλην καὶ τὸ ὑποκείμενον), isto é, a chamada causa material; “o princípio do movimento” (I 3, 983a30: ἡ ἀρχὴ τῆς κινήσεως), isto é, a chamada causa eficiente; e “aquilo em função do qual e o bem” (I 3, 983a31-32: τὸ οὗ ἕνεκα καὶ τὰγαθόν), isto é, a chamada causa final.

Aristóteles termina esta explicação remetendo o leitor para a *Física*, onde o assunto foi abordado com mais detalhe. Trata-se, como referimos, daquela passagem (II 3, 194b23-195b21), que repete, praticamente *ipsis uerbis*, o texto de *Metafísica* V.2; e também de *Física* II.7, que sublinha a dimensão explicativa da causalidade: tomar a causa primeira corresponde a tomar o “porquê” (II 3, 194b19: τὸ διὰ τί) das coisas. Sublinha também que o modelo causal quadrúplice se aplica ao reino da geração/corrupção e a toda a espécie de mudança (II 3, 194b22: περὶ γενέσεως καὶ φθορᾶς καὶ πάσης τῆς φυσικῆς μεταβολῆς). Dois aspectos fundamentais em relação às causas: são princípios explicativos⁷ e aplicam-se ao devir; constituem, portanto, os quatro modos de conhecimento dos entes físicos⁸. Mas daqui surge uma aporia inevitável: por que motivo uma explicação física abre uma discussão que se pretende metafísica (*Metaph.* I), para depois ser retomada num capítulo específico (*Metaph.* V 2); ou, inversamente, por que razão o núcleo e mote da discussão metafísica se inscreve no âmbito da física (*Ph.* II 3, 194b23-195b21)? No fundo, trata-se de perceber a que âmbito pertence o modelo de causalidade quadrúplice: se ao físico, se ao metafísico. Tal circularidade textual entre os dois tratados, de que falei logo no segundo parágrafo deste texto, permite inferir, pelo menos, que tal modelo não pertence *exclusivamente* a nenhum dos dois (físico nem metafísico).

formelle”. Sobre os problemas de tradução do termo οὐσία para Português, vide Mesquita, 2005, p.480-488.

⁶ O termo οὐσία é usado como sinónimo de εἶδος no Livro VII (17, 1041b9), cuja conclusão consiste, segundo Ross (1924: I 127), na sua equivalência com τὸ τί ἦν εἶναι; o que está já suposto neste passo do Livro I.

⁷ Na explicação do conceito ἀρχή em *Metafísica* V 1 Aristóteles explicita que todas as causas são princípios (V 1, 1013a17: πάντα γὰρ τὰ αἷτια ἀρχαί). Apesar de a relação entre os dois conceitos ser bastante problemática (cf. *Metaph.* III 2, 994a1-2 e *GC* I 7, 324a27-29 com *Metaph.* IV 2, 1003b24-25), parece-me possível associar a αἷτιον o último sentido de ἀρχή, isto é, o de princípio pelo qual uma coisa pode ser conhecida (V 1, 1013a14-17).

⁸ Na já citada passagem da *Física* sobre o modelo quadrúplice (II.7), Aristóteles é ainda mais claro na sua vinculação à física quando diz que “pertence ao [estudioso] da física conhecer tudo sobre elas e, se reduzir todas as coisas a elas, providenciará o ‘porquê’ do ponto de vista físico” (198a22-23: περὶ πασῶν τοῦ φυσικοῦ εἰδέναι, καὶ εἰς πάσας ἀνάγων τὸ διὰ τί ἀποδώσει φυσικῶς).

§ 2. Passemos, então, a *Metafísica* V.2. Em benefício da clareza da exposição, apresentarei o argumento numa ordem narrativa diferente da de Aristóteles. Esta, todavia, deve ficar registada de modo a facilitar o cotejo com o texto original⁹:

- *1. (1013a24-b3) Os quatro modos de causa (I)
- *2. (1013b3-9) Simultaneidade dos modos
- *3. (1013b9-11) Reciprocidade dos modos
- *4. (1013b11-16) Bipolaridade dos modos
- *5. (1013b16-28) Os quatro modos de causa (II)
- *6. (1013b30-34) Anteriores e posteriores
- *7. (1013b28-1014a25) Os quatro modos de causa (III)
- *7.1. (1013b34-1014a6) Posterioridade/proximidade categorial
- *7.2. (1014a7-13) Em acto e em potência
- *7.3. (1014a13-15) Combinação entre próprios e acidentais
- *7.4. (1014a15-20) Classificação dos modos
- *7.5. (1014a20-25) Enquadramento do nexos causal na implicação acto-potência

§ 3. (*1. e *5.) O início do capítulo (1013a24-25: Αἴτιον λέγεται ἔνα μὲν τρόπον ἐξ οὗ γίγνεται τι ἐνυπάρχοντος...) parece pressupor a classificação modal de A.3 (983a26-27: τὰ δ' αἴτια λέγεται τετραχῶς). A chamada causa material, formulada como “aquilo a partir do qual algo vem a ser”¹⁰, surge explicitamente como *um modo* (ἔνα τρόπον) que, pacificamente, podemos associar a um dos quatro previstos no advérbio τετραχῶς. Os exemplos dados são o bronze de uma estátua, a prata de uma taça e até os “géneros das coisas” (1013a26: τὰ τούτων γένη), isto é, o bronze e a prata enquanto tais, independentemente da estátua e da taça¹¹. No entanto, isso não significa que a matéria (ὕλη), como será chamada mais adiante (1013b9, 18), se reduza às condições de possibilidade ilimitadas a partir das quais toda e qualquer coisa pudesse ser toda e qualquer coisa; corresponde, sim, a um conjunto de condições sem as quais algo não

⁹ A numeração marcada com asterisco (e.g. *1) diz respeito à disposição narrativa de Aristóteles.

¹⁰ Esta causa é estranhamente omitida no *Sobre a Alma* (II 4, 415b9-11), quando a alma é associada à causa do corpo em todos os três sentidos: movimento, fim e essência (forma).

¹¹ É esta a interpretação de Simplicio no comentário ao passo análogo da *Física* (*In Phys.* IX.310.15-16 DIELS: οὐ γὰρ μόνον ὄδε ὁ χαλκὸς τοῦ ἀνδριάντος αἴτιος καὶ ὄδε ὁ ἄργυρος τῆς φιάλης, ἀλλὰ καὶ χαλκὸς ἀπλῶς καὶ ἄργυρος).

pode ser e apenas com as quais pode ser (apud Mesquita, 2005, p.496). Está, pois, intimamente ligada com o conceito δύναμις, porquanto corresponde a um ‘isto’ em potência que ainda não foi actualizado¹²; ou seja, o correlato efectivo da potencialidade como processo.

Sob outra perspectiva, a matéria é também equacionada com o substrato (ὑποκείμενον), o suporte a que se aplica a mudança; não só nesta passagem (1013b21), como também noutras da *Metafísica*, inclusivamente naquela do Livro I (I 1, 983a30). No entanto, a identificação entre os dois conceitos é problemática, porque nem sempre são sinónimos. Por exemplo, na passagem citada a propósito da matéria enquanto ‘isto’ em potência (VIII 1, 1042a27-28; vide supra n.12), o ὑποκείμενον é definido como um composto (σύνολον) de matéria e forma; ou seja, tem uma extensão superior a ὅλη, na medida em que a inclui. Independentemente dos vários problemas que esta divergência possa implicar (vide Reale, 2004, p.714), parece sobretudo sublinhar a inexistência na natureza de uma *materia prima* no sentido de pura potencialidade, pelo que requer sempre um substrato que a conjugue com uma forma.

Em segundo lugar, temos a chamada causa formal, definida como “forma e modelo” (1013a26-27: τὸ εἶδος καὶ τὸ παράδειγμα), também ela intrínseca aos entes. Este é um dos marcos da separação de Aristóteles em relação ao platonismo, na medida em que usa os termos consagrados para as Ideias (εἶδος um pouco por todo o *corpus Platonicum* e παράδειγμα sobretudo no *Timeu* onde designa a totalidade das Ideias), mas com um sentido profundamente distinto. Com a famosa acusação (*Metafísica* XIII 4, 1078b30-33) segundo a qual Platão (ao contrário de Sócrates) separou os universais das coisas e lhes pôs o nome ‘Ideias’ (ιδέα), Aristóteles visa sobretudo criticar uma concepção que coloca o εἶδος numa posição de transcendência em relação aos entes. Defende, pelo contrário, que a forma corresponde à própria essência (V 2, 1013b22: τὸ τί ἦν εἶναι), no sentido em que compreende o ente na sua totalidade e plenitude (ibidem: τὸ ὅλον)¹³. Ora, esta concordância das várias partes é adquirida pelo ente justamente pela actualização das suas potências; pelo que a sua forma é também uma composição (ibidem: ἡ σύνθεσις) enquanto *informação* na matéria. Quanto ao παράδειγμα, será o

¹² Em *Metafísica* VIII 1, 1042a27-28, Aristóteles diz: “entendo por ‘matéria’ não um isto que está em acto, antes um ‘isto’ que está em potência, e” (ὅλην δὲ λέγω ἢ μὴ τὸδε τι οὐσα ἐνεργεῖα δυνάμει ἐστὶ τὸδε τι).

¹³ Alexandre de Afrodísias (*In Metaph.* 351.27-29 Hayduck) especifica que neste caso τὸ ὅλον é equivalente a ὁλότης e τελειότης (ὅλον δὲ οὐ τὸ σὺν τοῖς μέρεσι λέγοι ἄν (οὕτως γὰρ εἶδος λέγοιτο τὸ συναμφοτέρον), ἀλλὰ τὸ ἐπὶ τοῖς μέρεσιν ἐπιγιγνώμενον, τὴν ὁλότητά τε καὶ τελειότητα).

modelo enquanto disponibilidade dessa forma¹⁴ e, neste sentido, a “razão da essência e os seus géneros” (1013a27-28: ὁ λόγος τοῦ τί ἦν εἶναι καὶ τὰ τούτου γένη); isto é, aquilo através do qual o ente se torna formulável e pelo qual se pode dar razão dele.

O terceiro modo corresponde à chamada causa eficiente, formulada como “aquilo de que procede o primeiro princípio da mudança ou do repouso¹⁵” (1013a30: ὅθεν ἡ ἀρχὴ τῆς μεταβολῆς ἢ πρώτη ἢ τῆς ἡρεμίσεως¹⁶); de que são exemplos um homem em relação a uma decisão ou um pai em relação a um filho (1013a30-31). No contexto da mudança, este será o interveniente activo, porquanto se define como “aquilo que produz” (1013a31: τὸ ποιοῦν); aquilo que efectiva o processo de actualização de potências ou, dito de outro modo, o princípio de movimento que informa a matéria.

É convidativa a identificação da eficiência com o acto voluntário, como faz por exemplo REALE (2004,p.714), pelo facto de o pai ser um responsável intencional pela geração do filho; no entanto, impõem-se algumas reservas. Se é verdade que em certo sentido é necessária vontade por parte do agente, como o homem que delibera ou o pai que decide gerar um filho, não é menos verdade que Aristóteles posteriormente dá como exemplo o esperma (1013b23). Assim, o pai será eficiência do filho apenas enquanto mecanismo físico de acção gerativa; a origem do movimento, independentemente de se tratar de um acto voluntário ou não.

O último dos modos corresponde à chamada causa final: “finalidade, isto é, aquilo em função do qual” (1013a33: τὸ τέλος· τοῦτο δ' ἐστὶ τὸ οὗ ἕνεκα). De um modo geral, corresponde ao propósito da mudança em si, isto é, o resultado para que todo e qualquer processo tende; daí que a finalidade coincida com o bem (1013b26-28), na medida em que por natureza todas as coisas estão orientadas para o bem. É, por isso, exemplo a saúde em relação ao acto de caminhar (1013a33-34): caminhamos *para* ter saúde e *porque* a saúde é um bem. Especifica ainda Aristóteles que a finalidade de um determinado processo não se esgota na acção em si, já que também engloba os

¹⁴ Esta também parece ter sido a leitura de Alexandre de Afrodísias (*In Metaph.* 349.11-12 Hayduck; cf. Simp. *In Phys.* IX.310.25-36 DIELS) que equipara o modelo à forma que vem a ser na matéria como correlato da natureza (ἀλλ' αὐτὸ τὸ γιγνόμενον ἐν τῇ ὕλῃ εἶδος παράδειγμα λέγει τῷ τὴν φύσιν τούτου ἐφίεσθαι); ou seja, modelo será o que, por exemplo, os artífices reconhecem e tentam reproduzir em analogia com o real.

¹⁵ O repouso deve ser entendido apenas como contraponto necessário da geração de movimento: um princípio que pode provocar movimento pode igualmente cessá-lo, isto é, criar repouso. Sobre este aspecto vide Reale 2004: ad loc; cf. *de An.* I 3, 406b16-25; *Ph.* VI 7, 238a20-31.

¹⁶ Em I 3, 983a30 e V 2, 1013b24-25 a causa eficiente é apenas definida como ἀρχή (de movimento no primeiro caso, de movimento e repouso no segundo) e parece ser essa a definição canónica. Nesta passagem, o uso de ὅθεν não diz respeito a algo que se situe entre ἀρχή e αἰτιον, mas tão-só ao ente particular que constitui um princípio de movimento num determinado processo de mudança.

elementos (acessórios) situados entre a eficiência e a finalidade (1013a35-36¹⁷), isto é, as motivações (o emagrecimento) e os instrumentos necessários (os medicamentos).

Há ainda outros aspectos de particular relevância sobre os quatro modos de causa, como a omissão da finalidade e a divisão da chamada causa formal em forma (εἶδος) e privação (στέρησις) de forma (*Metaph.* XII 4, 1070b11-30); a redução da forma, finalidade e eficiência à mesma causa (*Metaph.* XII 4, 1070b30-35); ou a fusão de finalidade e forma (*Metaph.* VII 7, 1032a24-25). Porém, as implicações que cada passagem levanta em particular levar-nos-iam para fora dos limites desta discussão¹⁸. Vejamos, pois, as possíveis relações entre modos de causa exploradas neste capítulo.

§ 4. (*2, *3, *4) Em primeiro lugar, a simultaneidade (1013b3-9): os quatro modos de causa concorrem simultaneamente na mesma coisa, mas não de modo concomitante (1013b6: οὐ κατὰ συμβεβηκός¹⁹). Um determinado ente pode (e deve, segundo a explicação de *Metafísica* I 3-6) compreender em si os quatro modos ao mesmo tempo, desde que este seja tomado enquanto tal e que cada modo assuma apenas um sentido. Por exemplo, na estátua, desde que tomada enquanto estátua, a escultura e o bronze são modos de causa (simultaneamente), mas o primeiro é eficiência e a segunda matéria (não-concomitantemente).

Segundo, a reciprocidade (1013b9-11): numa mesma coisa, duas causas podem estar co-implicadas, no sentido em que uma pode ser causa da outra e vice-versa; porém, aplica-se igualmente o princípio de não-concomitância: serão causas em sentidos distintos. Por exemplo, o vigor físico é finalidade do exercício e o exercício é eficiência do vigor físico. No fundo, esta especificação aplica-se à circularidade intrínseca a alguns processos de mudança: A resulta em B, mas A depende de B; fazendo exercício obtém-se vigor físico, mas é requerido vigor físico para fazer exercício.

Terceiro, a bipolaridade (1013b11-16): um mesmo modo de causa pode explicar efeitos contrários em função da sua presença (παρουσία) ou ausência (ἀπουσία); neste

¹⁷ A formulação carece de esclarecimento: “as coisas que estão entre o outro movente e o fim” (ὅσα δὲ κινήσαντος ἄλλου μεταξύ γίνεται τοῦ τέλους). Conforme bem observa Kirwan (1971, ad loc.), é pressuposto um terceiro elemento entre o agente e a finalidade: um médico (A) utiliza instrumentos (B) para curar o paciente (C). Segundo Aristóteles, a finalidade engloba tanto os acessórios (B) como o resultado final (C).

¹⁸ Sobre esta questão, vide KIRWAN, 1971, p. 124; FALCON, 2008, §§3-4.

¹⁹ Embora a tradução clássica seja ‘por acidente’, neste caso o sentido é claramente o de ‘concomitância’. Sobre as dificuldades implicadas no conceito συμβεβηκός em Aristóteles, vide Mesquita (2005, p.502-507).

caso, será causa no mesmo sentido, visto que o desfecho apenas depende da sua participação (ou não) no processo. Por exemplo, num navio, o mesmo piloto (como causa eficiente) é causa de segurança se estiver presente e de naufrágio se estiver ausente.

§ 5. (*6, *7.1, *7.3, *7.4) A última parte do capítulo termina com uma explicação – no mínimo insólita – (novamente) sobre os modos (1013b29: τρόποι) de causas (1013b28-1014a25). A questão é introduzida com uma nota genérica sobre o critério da proximidade categorial (1013b30-34): quando se trata de causas da mesma espécie (1013b31: αὐτῶν τῶν ὁμοειδῶν), têm o mesmo sentido e apenas se distinguem pela proximidade ao ente a que se aplicam; isto é, por serem mais anteriores (πρότερος) ou posteriores (ὑστερος). Aplicando o princípio a um dos exemplos já referidos, ambos proporção 2:1 e número em geral são a forma da oitava (1013b33), pois pertencem à mesma espécie. De seguida, Aristóteles explora os modos possíveis com base num mesmo caso concreto: a famosíssima estátua produzida por Policeto (1013b34-1014a6, 13-15). No sentido de causa accidental (1013b34-1014a1), as possibilidades são as seguintes: Policeto como acidente, mas no sentido contingente, pois que poderia ter sido outro escultor²⁰; a causa foi o escultor como género, porque é accidental o facto de o escultor que fez a estátua ter sido Policeto. No sentido de causa própria (1014a1-3), a causa da estátua pode ser o homem ou o animal em geral, visto que Policeto é homem, logo animal. Sob este ponto de vista, é ainda explorada a possibilidade de combinar atributos próprios e accidentais (1014a13-15), como ‘o escultor Policeto’ em vez de ‘Policeto’ ou ‘escultor’; note-se que, em relação à estátua, próprio será ‘escultor’ e accidental será ‘Policeto’. Finalmente (1014a4-6), no sentido predicativo de acidente, pode dizer-se que ‘homem branco’ ou ‘homem instruído’ são causas da estátua, desde que se considere ‘branco’ e ‘instruído’ predicados accidentais de Policeto.

Assim, os modos de causa passam a ser seis (1014a15-19)²¹ em vez de quatro: (1) individual (o escultor); (2) o género da causa individual (o artífice); (3) accidental

²⁰ Kirwan (1971, p. ad loc.) vê neste passo uma falha no raciocínio de Aristóteles que conduzirá à conclusão “Policeto é animal por acidente”. Porém, isto só é aceitável se considerarmos que é causa accidental da estátua enquanto homem; o que nos permite inferir que é homem por acidente e chegar àquela conclusão. Mas se aceitarmos que Policeto é acidente apenas enquanto indivíduo, isto é, o Policeto em concreto, accidental será o facto de ter sido *este* o escultor.

²¹ Limite-me a reproduzir o esquema proposto por Ross (1924, p. 292, 294) e também adoptado por Reale (2004, ad loc.).

(Policleto); (4) o género da causa accidental (o homem); (5) a combinação entre (1) e (3) (o escultor Policleto); (6) a combinação entre (2) e (4) (o homem artífice).

§ 6. (*7.2, *7.5) O último aspecto a tratar diz respeito ao enquadramento dos modos de causa na implicação acto-potência. Primeiro, uma breve introdução ao problema (1014a7-13): há causas em potência (1014a8: τὰ ὡς δυνάμενα) e em acto (1014a8-9: ὡς ἐνεργοῦντα) – aplica-se tanto às próprias, como às accidentais e, evidentemente, ao conjunto dos seis modos elencados (1014a19-20). No entanto, não quer isto dizer que se devam postular quatro modos de causa para potência e outros quatro para acto; esta distinção antes tem que ver com as duas modalidades de uma mesma causa em função do estado da transformação: em processo actual ou em disposição de potencialidade. Por exemplo, na construção de uma casa trata-se da mesma eficiência (o construtor), variando apenas o facto de *ser* o construtor (em potência) ou *estar* a construir (em acto). O mesmo se aplica às coisas causadas (1014a10: ἐφ' ὧν αἴτια), isto é, aos efeitos: *a* estátua (actualizada) ou *uma* estátua (potencial).

Por último, Aristóteles coliga os conceitos acto e particular²², implicando uma certa complementaridade entre os pares acto-potência e particular-universal materializada por efectividade e concretude²³: algo em acto será particular, como por exemplo um médico que efectivamente cura um paciente será um médico em concreto (1014a22-23). De facto, esta correlação tem um carácter profundamente necessário: um processo efectivo (em acto) requer um ente concreto (um particular) que o protagonize no tempo e no espaço; mas um universal não pode enquanto tal ser concretizado, porquanto deixaria de ser universal.

§ 7. Para concluir, recuperemos, então, a instabilidade terminológica que define o tratamento aristotélico da causalidade nas passagens aqui em causa. Em benefício da clareza, opto por esquematizar os quatro modos de dizer a *causa* do seguinte modo:

²² 14a20-21: τὰ μὲν ἐνεργοῦντα καὶ τὰ καθ' ἕκαστον. Segundo ROSS (1924, ad loc.), καί tem um sentido explicativo; pelo que a expressão coloca em paridade 'acto' e 'particular': “[as causas] em acto, isto é, em particular”.

²³ Esta ideia será formulada de forma clara e inequívoca em XII 5, 1071a17-19.

'Causa formal'

Metafísica I.3: τὴν οὐσίαν καὶ τὸ τί ἦν εἶναι (a substância e aquilo que é)

Metafísica V.2 (= *Física* II.3): τὸ εἶδος καὶ τὸ παράδειγμα (forma e modelo)

'Causa material'

Metafísica I.3: τὴν ὕλην καὶ τὸ ὑποκείμενον (a matéria e o substrato)

Metafísica V.2 (= *Física* II.3): ἐξ οὗ γίνεται τι ἐνυπάρχοντος (aquilo a partir do qual algo vem a ser)

'Causa eficiente'

Metafísica I.3: ἡ ἀρχὴ τῆς κινήσεως (o princípio do movimento)

Metafísica V.2 (= *Física* II.3): ὅθεν ἡ ἀρχὴ τῆς μεταβολῆς ἢ πρώτη ἢ τῆς ἠρεμῆσεως (aquilo de que procede o primeiro princípio da mudança ou do repouso)

'Causa final'

Metafísica I.3: τὸ οὗ ἕνεκα καὶ τὰγαθόν (aquilo em função do qual e o bem)

Metafísica V.2 (= *Física* II.3): τὸ τέλος· τοῦτο δ' ἐστὶ τὸ οὗ ἕνεκα (finalidade, isto é, aquilo em função do qual)

Além desta dificuldade terminológica, a postulação tradicional do modelo das *quatro causas* tem ainda que lidar com o facto de essas *causas* não estarem limitadas a quatro. Convém notar que em 1014a15-20 (v. supra § 5) Aristóteles, ao articular os quatro modos de causa com os elementos da sua teoria das categorias²⁴, chega a postular **seis modos de causa**. Tal acrescento parece invalidar qualquer pretensão de estanquidade e/ou estabilidade metodológicas na própria concepção quadrúplice da causalidade; e não apenas no modo como ele vem formulado.

²⁴ Subscreevo sem reservas a tese de Angioni (2009), segundo a qual a *Metafísica* pressupõe a leitura não só das *Categorias*, mas também de todo o *Organon*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGIONI, L. As quatro causas na filosofia da natureza de Aristóteles. IN: Anais de Filosofia Clássica, vol. V, n. 10, p. 1-19, 2011.

_____. *Introdução à Teoria da Predicação em Aristóteles*. Campinas: Editora UNICAMP, 2009.

_____. *Aristóteles. Segundos Analíticos. Livro II*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2ª ed., 2004.

BODNÁR, I. & PELLEGRIN, P. Aristotle's Physics and Cosmology. IN: GILL, M. L. & PELLEGRIN, P. (eds.). *A Companion to Ancient Philosophy*. Malden/Oxford/Chichester: Blackwell Publishing, 2009.

CHARLTON, W. *Aristotle. Physics. Books I and II*. Oxford: Clarendon Press, 1992.

DIELS, H. *Commentaria in Aristotelem Graeca, Vol. IX (Simplicii in physicorum libros quattuor priores)*. Berolini: G. Reimer, 1882.

FALCON, A. Aristotle on Causality. In: ZALTA, N. E. (ed.) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2008. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/fall2008/entries/aristotle-causality/>.

FREDE, M. The Original Notion of Cause. In: SCHOFIELD, M. et al. (eds.). *Doubt and Dogmatism. Studies in Hellenistic Epistemology*. Oxford: Clarendon Press, 1980.

GILL, M. L. First Philosophy in Aristotle. In: GILL, M. L. & PELLEGRIN, P. (eds.). *A Companion to Ancient Philosophy*. Malden/Oxford/Chichester: Blackwell Publishing, 2009.

HAYDUCK, M. *Commentaria in Aristotelem Graeca. Vol. I (Alexandri Aphrodisiensis in Aristotelis metaphysica commentaria)*. Berolini: G. Reimer, 1891.

KIRWAN, C. *Aristotle. Metaphysics. Books G, D and E*. Oxford: Clarendon Press, 2ª ed., 1993.

MESQUITA, A. P. *Aristóteles. Obras Completas. Introdução Geral*, Lisboa: IN-CM, 2005.

REALE, G. *Introduzione, Traduzione e Commentario della Metafisica di Aristotele*. Milano: Bompiani, repr., 2004.

ROSS, D. *Aristotle's Metaphysics. A Revised Text with Introduction and Commentary*. Oxford: Clarendon Press, 1924.

SEDLEY, D. Platonic Causes. IN: *Phronesis*, v. XLII, n. 2, p. 114-132, 1998.

SPRAGUE, R. K. The Four Causes. Aristotle's Exposition and ours. IN: *The Monist*, v. 52, n. 2, p. 298-300, 1968.

TRICOT, J. *La Metaphysique. Aristote*. Paris: Vrin, 1940.